
Desinformação na pandemia de Covid-19: um estudo sobre a construção das fake news relacionadas ao termômetro infravermelho¹.

Lúcia Oliveira da Silveira Santos²

Flávia Souza de Siqueira³

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Resumo

Este artigo busca evidenciar argumentos, apelos e conceitos de notícias falsas relacionadas ao uso do termômetro infravermelho como protocolo preventivo no contexto da pandemia de Covid-19. Delimitamos um universo de dez notícias compartilhadas nas plataformas YouTube, Facebook, Instagram e WhatsApp. Por meio da análise de conteúdo, identificamos 14 categorias de argumentos empregados pelos materiais analisados, com destaque para o apelo emocional e moral, o predomínio do discurso conservador e o uso distorcido de termos médicos e científicos.

Palavras-chave: Fake news; desinformação; argumentação; Covid-19.

Introdução

A chegada da pandemia de Covid-19 ao Brasil, em fevereiro de 2020⁴, levou à adoção protocolos – oficiais ou extraoficiais⁵ – com o objetivo de barrar a entrada de pessoas com sintomas da doença em lugares públicos e estabelecimentos comerciais. Entre as medidas estava a aferição da temperatura corporal (BRASIL, 2020) por meio de termômetros infravermelhos (“termômetros de testa”). O objetivo era impedir a entrada de indivíduos sintomáticos da doença – ainda que pessoas assintomáticas também sejam vetores da doença (FERREIRA NETTO; CORRÊA, 2020).

Inicialmente, a medição da temperatura nos estabelecimentos era feita com o direcionamento do termômetro à testa de cada visitante, mas em junho de 2020 passaram a circular, em redes sociais e aplicativos, textos e vídeos alegando que o direcionamento do sensor do aparelho à cabeça poderia fazer mal à saúde (BORGES; 2021) – sobretudo

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente (Estudos Interdisciplinares), do XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Lúcia Oliveira da Silveira Santos é doutoranda do Programa de pós-graduação em Turismo da Universidade de São Paulo (USP) e professora adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: luciasilveirasantos@usp.br.

³ Flávia Souza de Siqueira é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e jornalista. E-mail: flaviasz@usp.br.

ao cérebro e, em particular, à glândula pineal, um pequeno órgão situado dentro do crânio e responsável por sintetizar e liberar melatonina, hormônio ligado à regulação do ciclo vigília-sono (BBC, 2021).

As características desses textos e vídeos são analisadas neste artigo, com o objetivo de identificar seus principais argumentos e a quais características do atual ambiente de desordem informacional eles podem estar relacionados. Empregamos o conceito de “desordem informacional” conforme compreendido por Wardle e Derakshan (2017), que o relacionam a dois elementos-chave – falsidade e intencionalidade –, que põem em risco a manutenção de democracias saudáveis e o direito de acesso à informação de qualidade (UNESCO, 2019)

O conceito de “desordem informacional” pode, também, ser relacionado ao de “degradação do ambiente epistêmico”, conforme Blake-Turner (2020):

O problema é que as fake news degradam o nosso ambiente epistêmico. Ao minarem nossa confiança nas instituições epistêmicas e alterar nossos hábitos epistêmicos, elas tornam o nosso ambiente menos propício a alcançar status epistêmicos positivos, como o conhecimento. (BLAKE-TURNER, 2020, p.13, tradução nossa).

O termo “fake news” tem sido objeto de estudo de diferentes autores. Uma das definições em uso é a proposta por Gelfert (2018): “fake news é a apresentação deliberada de alegações (tipicamente) falsas e enganosas como [se fossem] notícias, na qual as alegações são propositalmente enganosas⁶” (GELFERT, 2018, p. 85, tradução nossa). Neste artigo, entretanto, optamos por usar os termos “fake news” e “notícia falsa” mesmo que o material não emule fielmente o formato de notícia.

O espalhamento de mentiras sobre os termômetros infravermelhos foi seguido pela publicação de esclarecimentos, em diferentes mídias, sobre a maneira como funcionam esses aparelhos. Uma busca no Google por “termômetro infravermelho faz mal?”, por exemplo, realizada no momento de produção deste artigo (junho de 2021), trouxe entre seus resultados textos publicados pelos sites Catraca Livre (2020), CNN (2020) e Oncoguia (2020) – os dois primeiros fazendo referência a uma nota de esclarecimento publicada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa, 2020), que resume o modo de funcionamento dos termômetros de testa:

A Anvisa informa que é falsa a notícia de que o uso de termômetros infravermelhos direcionados para a testa pode fazer mal ao ser humano, em

especial à região da glândula pineal. A glândula tem função de produção e regulação de hormônios e fica localizada próximo ao tálamo e hipotálamo, na parte mais central do cérebro.

Com base na avaliação de referências bibliográficas e recomendações sobre esses produtos, a Anvisa conclui e informa à população que a medição de temperatura por termômetro infravermelho direcionado à testa é inofensiva ao ser humano. O órgão informa, ainda, que esses produtos não emitem radiação, somente captam o calor emitido pelo corpo humano na forma de radiação infravermelha (ANVISA, 2020).

Mesmo com o trabalho de fact-checking e de esclarecimento, houve registro de brigas em portas de comércio, colocando em risco funcionários encarregados do controle de entrada nesses estabelecimentos (G1, 2020; MORAES, 2020).

Estruturamos nosso artigo em três seções. A primeira apresenta uma discussão a respeito dos supostos efeitos das fake news sobre o termômetro infravermelho. A segunda apresenta a organização metodológica da pesquisa. A terceira traz a análise de conteúdo empregada.

Considerações sobre os supostos efeitos dessas fake news

Após o espalhamento de informações falsas sobre o termômetro infravermelho, tornou-se muito comum – e possivelmente a escolha mais frequente, embora não haja embasamento de pesquisas para atestar isso – o direcionamento do aparelho para a região do pulso, e não mais à testa ou outra área do crânio. Diferentes veículos publicaram reportagens associando uma crescente aferição da temperatura no pulso às notícias falsas que circularam em ambientes digitais sobre o termômetro. O jornal digital GZH, por exemplo, publicou em 7 de outubro de 2020 a matéria “Medição da temperatura pelo pulso ou pela testa? Veja o que dizem especialistas”, cujo segundo parágrafo reproduzimos a seguir:

Contudo, aos poucos, cresce o número de estabelecimentos que aferem a temperatura das pessoas pelo pulso. A mudança é fruto de uma notícia falsa que circulou nas redes sociais. Ela dizia que a medição pela testa poderia fazer mal ao corpo humano por interferir na glândula pineal, localizada na parte central do cérebro e responsável pela produção de hormônios. (GZH, 2020)

Assim, parece ter se consolidado o entendimento de que essas fake news saíram “vencedoras” e provocaram uma mudança de hábitos. Para compreender esse cenário, no entanto, é preciso considerar outros aspectos que nos impedem de estabelecer vínculos claros de causa(s) e consequência(s). Um deles é a possibilidade de que a falta de fiscalização tenha contribuído para que a aferição de temperatura na entrada dos

estabelecimentos se tornasse mera “encenação”. Outro aspecto é que a aferição de temperatura com termômetros infravermelhos passou a ser questionada como método eficiente de conter o avanço da Covid-19, já que mesmo em seu uso ideal há meios de induzir um falso resultado – caso uma pessoa febril tome um antitérmico, por exemplo. Além disso, médicos e outros especialistas passaram a questionar a eficácia dessa medida para o combate à pandemia, pois parte das pessoas que se contaminam não apresenta febre, mas, mesmo assim, transmite a doença (UOL, 2021).

De qualquer maneira, podemos dizer que a desinformação sobre o termômetro digital infravermelho teve grande circulação. Como aponta Blake-Turner, as notícias falsas “tornam salientes – e, portanto, relevantes – alternativas que ameaçam nossas afirmações baseadas em conhecimento” (BLAKE-TURNER, 2020, p. 19, tradução nossa), pois muitas vezes não é simples nem rápido rebater tais alternativas. O efeito nocivo das fake news, portanto, pode não se dar pelo estabelecimento de uma crença, mas pela implantação de dúvidas e novas desconfianças.

Embora o problema das fake news não seja novo, as dinâmicas das plataformas digitais – associadas a outras características estruturais do capitalismo contemporâneo – amplificam esse fenômeno. Diferentes autores analisam o quanto certas características (*affordances*) das mídias sociais facilitam a circulação de desinformação. Bimber e Zúñiga (2020) destacam os seguintes *affordances*: tornar obscura a origem da informação, facilitar mentiras e distorções sobre autoria e permitir a manipulação de “sinais sociais” por meio do direcionamento de publicações para públicos específicos.

Pressupostos metodológicos

Partimos das leituras de pesquisadores como Farkas e Shou (2018), Gelfert (2018) e Quandt (2018), a fim de compreender melhor o universo das fake news e estabelecer nosso método de pesquisa. Optamos pela análise de conteúdo (AC) para categorizar essas notícias e analisá-las. Nossa escolha teve o objetivo de facilitar a observação sobre o objeto, para “obter o máximo de informação (aspecto quantitativo), com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo)” (BARDIN, 1977, p. 45-46).

Procuramos, então, categorizar expressões que se repetem no material coletado. Nosso objetivo geral é evidenciar os argumentos, apelos e conceitos de notícias falsas relacionadas ao termômetro infravermelho. Para isso, traçamos como objetivos

secundários: realizar levantamento bibliográfico sobre propagação de notícias falsas, identificar notícias falsas sobre o termômetro compartilhadas em redes sociais e explicitar as convergências entre esses conteúdos, mapeando seus argumentos.

Nossa amostra intencional foi constituída de dez notícias falsas, localizadas a partir de busca no Google, no Youtube, no Facebook e no Instagram com os seguintes termos, separados ou agrupados: “termômetro”, “infravermelho”, “testa”, “câncer”, “glândula pineal”, “cuidado”, “pistola” e “atenção”. A busca inicial apresentou mais de 200 resultados, dos quais grande parte tratava de checagem de fatos e foi excluída de nosso escopo. Unificamos notícias repetidas apresentadas em diferentes formatos, como a fala de uma suposta “enfermeira australiana” que circulou em forma de texto, vídeo e áudio, e sintetizamos nosso universo final de pesquisa conforme o Quadro 1.

Quadro 1. Síntese do universo pesquisado

Fake news coletadas e analisadas	Plataforma principal de divulgação	Argumento central	Postagens, visualizações ou curtidas até 25/06/21
Fake 1 URL: https://bitly.com/jyCVR	YouTube	O termômetro de testa faz mal à saúde e apontar algo para sua testa é um ato violento.	809 visualizações 37 curtidas
Fake 2 URL: https://bitly.com/Y0wAZ	Facebook	O termômetro infravermelho é perigoso e é seu direito não ser medido na testa.	9 compartilhamentos 15 curtidas 9 comentários
Fake 3 URL: https://bitly.com/P0mJn	WhatsApp	Termômetros infravermelhos podem causar câncer e cegueira.	Incalculável, porém foi alvo de vários sites de checagem
Fake 4 URL: https://bitly.com/egTrX	Facebook	Uma enfermeira alega que termômetros infravermelhos causam danos à glândula pineal.	91 postagens semelhantes 767 curtidas 981 compartilhamentos
Fake 5 URL: https://bitly.com/jyCVR	YouTube	Termômetro infravermelho causa danos à glândula pineal.	64 visualizações 2 curtidas
Fake 6 URL: https://bitly.com/pSolh	YouTube	Não se sabe a procedência dos termômetros e não são usados por profissionais o que causa danos à saúde	2168 visualizações 32 curtidas 2 comentários
Fake 7 URL: https://bitly.com/2Kzsx	YouTube	O pulso é mais preciso que a testa para a medição de temperatura.	1939 visualizações 44 curtidas 50 comentários
Fake 8 URL: https://bitly.com/Rkrfk	YouTube e Instagram	Termômetro infravermelho causa danos à glândula pineal.	561 curtidas no Instagram 10 visualizações no YT
Fake 9 URL: https://bitly.com/DRGwA	YouTube	Somos vítimas de uma conspiração para que nos apontem termômetros infravermelho que causam danos à glândula pineal.	21036 visualizações 3800 curtidas 626 comentários
Fake 10 URL: https://bitly.com/D4aNI	Instagram	A colunista teria uma informação privilegiada de que os termômetros infravermelhos causam danos à glândula pineal.	58 curtidas 9 comentários

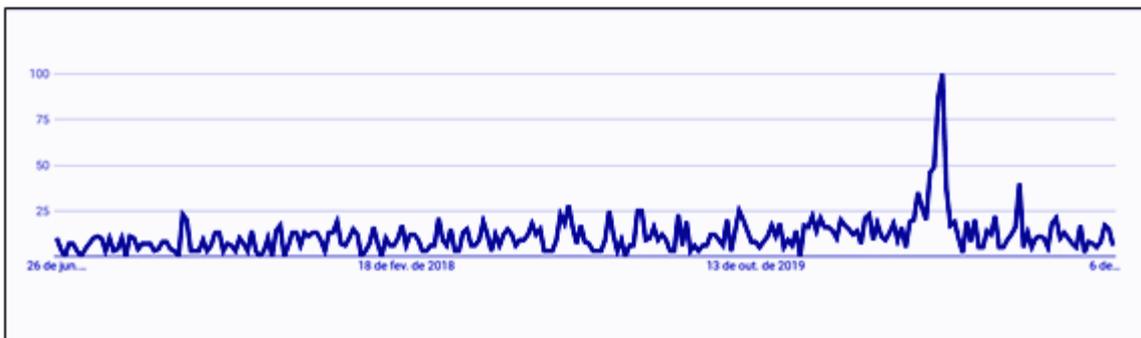
Fonte: elaboração própria (2021).

Fake 10	8		2
---------	---	--	---

Fonte: elaboração própria (2021)

A busca pelo termo “glândula pineal” no Google disparou após a pandemia, com pico a partir de agosto de 2020, momento que coincide com o período de postagem e compartilhamento das notícias analisadas, conforme Figura 2.

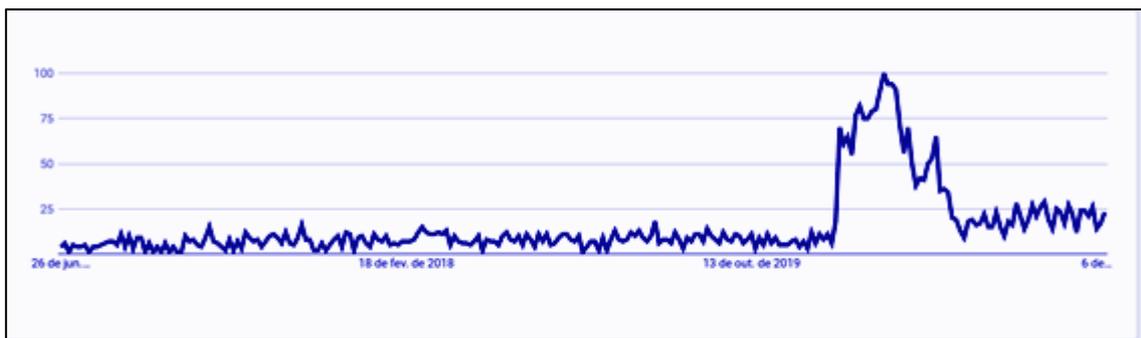
Figura 2. Busca pela expressão “Glândula Pineal” no Google.



Fonte: Google Trends (2021)

Em rápido cruzamento, percebemos ser o mesmo período (agosto a outubro de 2020) em que as buscas pelo termo “termômetro infravermelho” também dispararam no Google, conforme figura 3.

Figura 3. Busca pela expressão “Termômetro infravermelho” no Google.



Fonte: Google Trends (2021).

A ideia geral dessas notícias falsas é fazer com que o ouvinte/espectador tenha medo do direcionamento do termômetro para sua cabeça. Como apelo emocional, três dos materiais diziam que é ainda mais perigoso o uso do termômetro em crianças, como na Fake 9: “o cara tá sendo doutrinado para apontar aquela pistola na sua frente e o pior de tudo é ver as pessoas deixando que eles façam isso com elas mesmas e com crianças, cara,

com crianças... com as crianças que estão em pleno desenvolvimento”. Seis dessas notícias falsas utilizaram o termo “pistola” ou “arma”, associando o termômetro a armas de fogo e a testa a um alvo, conforme indicado na Fake 4: “aponto para o centro da sua testa com a minha arma em forma de termômetro, puxo o gatilho, espero pelo bipe, registro a temperatura”.

Diante da similaridade de termos, agrupamos os argumentos dessas notícias em 14 categorias que inferimos nos discursos:

1) Falsos direitos: três dos materiais analisados argumentam que as pessoas não devem ser submetidas a esse tipo de medição sem sua autorização. São usados termos jurídicos, como “prévio consentimento”, induzindo o leitor a acreditar que quem escreve a notícia domina a legislação vigente.

2) Associação com arma: conforme já apresentamos, encontramos em mais de um dos materiais a tentativa de associar o termômetro a uma arma. Alguns dos posts trazem ilustrações com essa analogia, conforme exemplificado pela figura 4.

Figura 4: Imagem divulgada no Facebook busca “unificar” um termômetro e uma arma



Fonte: Facebook⁴ (2021)

3) Sensacionalismo: apelos sensacionalistas foram encontrados em todos os conteúdos analisados. Identificamos, por exemplo, o uso de termos como “assunto polêmico”, possivelmente visando “a geração de *clickbait* por meio de afirmações sensacionais que atraem um público online” (GELFERT, 2018, p. 108, tradução nossa).

4) Apelo religioso: dois dos canais que veicularam esse tipo de conteúdo no Youtube têm viés religioso, com títulos recorrendo a palavras como “Deus”, “fé” e “poder”. Há a associação do termômetro infravermelho a “ritos macabros” ou “obsessores”.

⁴ Recuperado de: <https://bityli.com/EJOSL>, em junho de 2021.

5) Tese conspiratória: para Egelhofer e Lecheler (2019), teorias conspiratórias são uma das múltiplas dimensões das fake news. Em nosso universo de pesquisa, identificamos 18 menções a esse tipo de teoria. “Tudo é subliminar. Sem querer vão nos acostumando, adestrando e sabotando as nossas vidas, na famosa matrix”, diz a narração da Fake 1. O termo “matrix” também é encontrado em outra das notícias analisadas, a Fake 9, que traz uma coleção enorme de teorias sem fundamento, como a de que vacinas conteriam mercúrio e outros metais tóxicos, a de que a pedofilia é fruto de programas de auditório dos anos 1980 e a de que o YouTube sabota o canal do autor porque ele seria contra “o sistema”.

Vale observar, ainda, que o termo “matrix” tem sido utilizado por grupos de extrema direita para sustentar teses conspiratórias (NEXO JORNAL, 2020). Boa parte das características observadas na fake news do termômetro infravermelho, aliás, parece ter ligação com as práticas do ciberpopulismo de direita – em particular, o discurso de representar uma suposta vontade popular “antielite”, o apelo emocional e uma visão peculiar de liberdade, que se oporia ao “politicamente correto” (KRÄMER, 2017).

6) Apelo à propagação: seis das dez notícias falsas analisadas estimulam de forma explícita o compartilhamento: “se puder compartilhar, multiplicar o conhecimento, mais pessoas precisam nesse momento que a gente vive” (Fake 8); “compartilhe esse vídeo com mais e mais pessoas, principalmente aquelas que têm filhos pequenos para que a gente possa, na medida do possível, evitar que o pior aconteça” (Fake 9); “eu gostaria que divulgasse isso e levasse isso pra todas as autoridades” (Fake 6); “ajude a espalhar pra família e orientar” (Fake 5).

7) Tentativa de desacreditar pessoas: uma clara tentativa de desacreditar os responsáveis pela medição nos comércios ficou evidente em seis das notícias falsas. O argumento central é de que o termômetro é confiável na mão de quem é da área da saúde, mas não quando utilizado por porteiros ou “pessoas sem o devido treinamento”: “os seguranças destes locais públicos só usam e não dominam os riscos daquilo” (Fake 3); “sendo usado por um funcionário que claramente não era médico” (Fake 4).

8) Tentativa de construir credibilidade: os autores das fake news analisadas procuram dar credibilidade aos seus argumentos utilizando suas supostas formações ou a de um terceiro, sempre anônimo. O caso de uma “enfermeira australiana” é exemplo disso. Esse tipo de discurso esteve presente em 9 das 10 notícias analisadas. Em um dos

casos, o autor se coloca como “promotor de saúde”, em outro como “profissional da área médica”, mas em nenhum deles o autor apresenta seu nome ou local de trabalho. Há também quem se diga mecânico de automóveis e alegue utilizar o termômetro infravermelho para medir a temperatura do motor. Uma variação encontrada em outros discursos é mais genérica: de “alguém mais esclarecido” ou que tem “mais vivência”. Um dos materiais coloca o emissor como alguém mais evoluído que o espectador: “eu estou aqui para conviver com pessoas já em processo. Você tem que trilhar um longo caminho (...) para conseguir ter compreensão daquilo que eu estou falando (Fake 9).

Para entendermos melhor o vínculo entre credibilidade e notícias falsas, precisamos recorrer a Moretzsohn (2019). Para a autora, a credibilidade é uma das premissas fundamentais do jornalismo. Entretanto, no caso das redes sociais, quem ajuda a espalhar a desinformação nas redes costuma atribuir credibilidade a quem lhe enviou a notícia, não ao autor ou fonte “original” do material.

9) Uso de termos médicos: é comum o uso de termos médicos, encontrados 20 vezes no universo pesquisado – como parte da tentativa de dar credibilidade ao emissor. A estrutura do real é distorcida. Expressões como “dimetiltryptamina”, “sinais endócrinos”, “melatonina” e “glândula pineal” foram empregadas com a provável intenção de demonstrar que o emissor conhecia bem o assunto do qual falava.

10) Indícios de desinformação proposital: conforme Gelfert (2018), para que algo seja considerado uma notícia falsa é necessário que tal conteúdo busque enganar de maneira deliberada. Os materiais aqui analisados contêm indícios dessa intencionalidade – “de que, em algum ponto do processo de criação dessas notícias, a intenção humana esteve envolvida. Alguém, em algum lugar, decidiu fabricar a afirmação em questão e a fez circular” (GELFERT, 2018, p. 106, tradução nossa) –, como a menção a especialistas inexistentes e o uso distorcido de termos científicos, que pode ser contestado com uma simples pesquisa na internet.

11) Verdade parcial: nem todas as informações mencionadas por essas fake news são inverídicas, recurso detectado principalmente nos textos que recorrem a termos mais específicos, como “glândula pineal”. Por se tratar de algo pouco conhecido, é natural que o leitor desconfiado procure a expressão em buscadores. Provavelmente irá se deparar com a descrição da glândula em sites como a Wikipedia. Assim, um artifício utilizado por

boa parte do conteúdo analisado é descrever a glândula pineal tal qual em links apresentados pelos buscadores.

12) Apelo emocional: sete das dez notícias analisadas apresentam claro apelo emocional. A ideia de uma sociedade que está ficando insensibilizada pelo uso de máscaras ou do termômetro está presente em quatro dessas notícias, chegando a comparar a fila necessária para entrar nesses locais a um curral. Outras recorrem à preocupação maior com o uso do termômetro em crianças que, segundo um dos textos, poderia afetar até mesmo o desenvolvimento sexual: “as crianças, elas vão desenvolver de forma precoce a sexualidade, os órgãos sexuais, se a glândula pineal não estiver no tamanho correto” (Fake 9). A acusação reiterada nesses casos é de que os pais devem agir com repulsa a essas medições: “foi muito perturbador, para mim, observar crianças se acostumando a ver um objeto em forma de arma apontado para a testa e sem nenhuma reação negativa dos adultos, como se isso fosse normal e aceitável” (Fake 4).

Segundo Bakir e McStay (2018), trata-se de um problema mais amplo, pois as redes sociais favorecem “conteúdos emocionais” mesmo que não sejam verdadeiros. Para esses autores, “a capacidade de compreender melhor os sentimentos, humores e emoções na comunicação em rede está aumentando rapidamente por meio da adoção de tecnologias online e de biofeedback” (BARIK; MCSTAY, 2018, p.2, tradução nossa).

13) Estímulo à dúvida: plantar dúvidas também é uma forma de estimular o clique por mera curiosidade. Encontramos 15 perguntas retóricas espalhadas por seis dos conteúdos analisados, tais como “Pergunte a você: é sábio colocar um laser infravermelho na pineal de alguém?” (Fake 4) e “Fica uma pulga atrás da orelha e ficam dúvidas: por que será que eles estão fazendo isso com as pessoas?” Para Lima,

as fake news baseiam-se em estratégias argumentativas muitas vezes bem elaboradas, de forma a camuflar suas reais intenções e provocar, se não a aceitação, ao menos a dúvida em um público diverso, atingido por uma enxurrada diária de informação e que nem sempre tem condições de verificar a veracidade do que consome e compartilha (2021, p. 18).

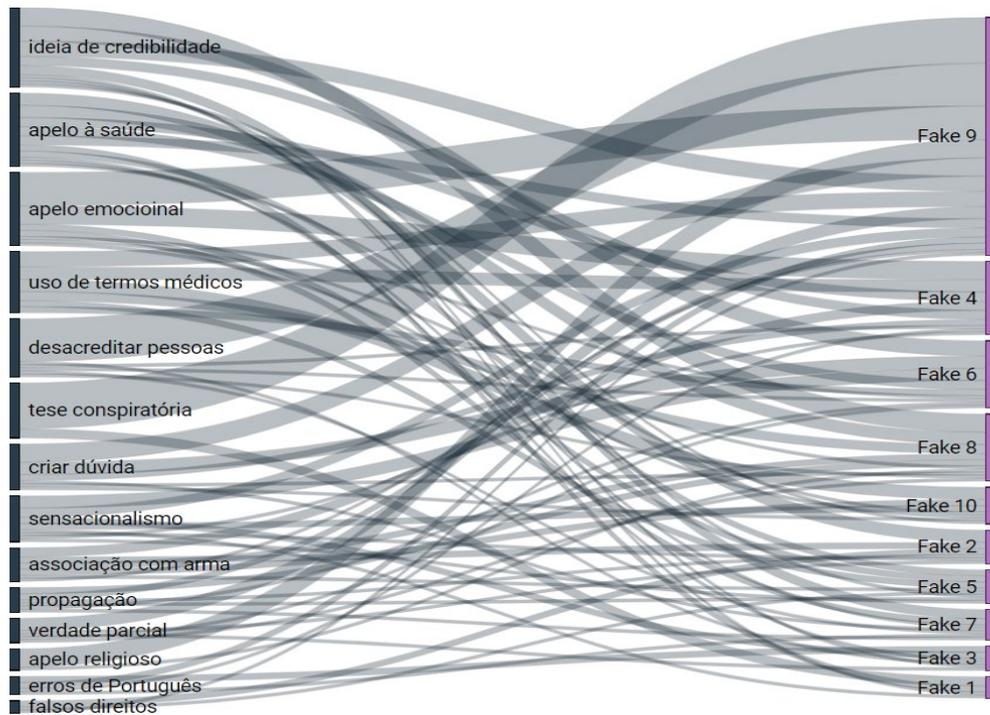
Nos parece, portanto, que existe uma intenção clara de confundir o público com tais perguntas, levando-o a crer em uma conspiração maior ou, ainda, que ao entrar em contato com esse conteúdo estaria fazendo uma grande descoberta.

14) Apelo à saúde: diante da análise empregada, todas as notícias apresentaram algum tipo de apelo ligado diretamente à saúde, pela relação com o tema. Conforme Zarocostas (2020), sempre que há uma pandemia, há também um crescimento da

desinformação e da boataria. Dessa forma, os discursos traçaram outras relações com a epidemia, no intuito de reforçar o apelo aos cuidados que o público precisa ter, entre os quais destacamos: “O Covid 19 já está gerando sérios distúrbios sobre a população, distúrbios mentais inclusive” (Fake 6); “Lembre-se que os raios ultravioleta danificam as nossas células e posteriormente originam câncer e pior vem a atingir os olhos pode causar cegueira, já basta o Covid” (Fake 3).

Na Figura 5, representamos, por meio de um diagrama de Sankey, como cada categoria aparece em cada uma das notícias analisadas. No lado esquerdo, de cima para baixo, leem-se as categorias mais identificadas na análise de conteúdo empregada. No lado direito, as notícias com maior número de argumentos empregados.

Figura 5 - Relações entre as categorias identificadas e as notícias analisadas.



Fonte: elaboração própria (2021).

No diagrama, as linhas engrossam conforme o número de argumentos daquela categoria em cada texto analisado, mostrando como esses materiais utilizam argumentos semelhantes e como o universo de fake news aqui empregado se organiza de maneira similar para convencer e gerar compartilhamento. Os argumentos buscam captar o leitor pela emoção, sem a apresentação de dados concretos ou de fontes reconhecidas.

Considerações finais

Este artigo buscou evidenciar argumentos, apelos e conceitos de notícias falsas relacionadas ao uso do termômetro infravermelho como protocolo preventivo no contexto da pandemia por Covid-19. Em termos acadêmicos, esta análise contribui para desvelar discursos concebidos deliberadamente com o intuito de desinformar a população.

Os resultados encontrados mostram o uso de elementos do discurso conservador e da exploração do medo – recorrendo-se a teorias da conspiração e à indução de desconfiança – na elaboração das fake news sobre o uso desses termômetros.

Procuramos evidenciar categorias que estruturam os textos analisados. Embora não busquem mimetizar a produção jornalística, eles se ancoram na ideia de credibilidade, usando termos médicos (ainda que de forma distorcida) e fontes inexistentes.

Apresentam, ainda, forte apelo emocional e moral, além de chamadas sensacionalistas e pedidos de compartilhamento, o que pode induzir à monetização, especialmente dos vídeos no YouTube.

REFERÊNCIAS

ANVISA. Informações técnicas sobre termômetro infravermelho. 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2020/informacoes-tecnicas-sobre-termometro-infravermelho>>.

BAKIR, V.; MCSTAY, A. Fake News and The Economy of Emotions: Problems, causes, solutions. **Digital Journalism**, 2018. v. 6, n. 2, p. 154–175. Disponível em: <<http://doi.org/10.1080/21670811.2017.1345645>>.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. V. 22.

BBC. Como funciona a glândula pineal, o órgão enigmático que regula nosso sono. **BBC News Brasil**, [S.l.], 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-56722714>>.

BIMBER, B.; ZÚÑIGA, H. G. De. The unedited public sphere. **New Media and Society**, 2020. v. 22, n. 4, p. 700–715.

BLAKE-TURNER, C. Fake news, relevant alternatives, and the degradation of our epistemic environment. **Inquiry (United Kingdom)**, 2020. v. 0, n. 0, p. 1–21. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/0020174X.2020.1725623>>.

BORGES, P. L.; VEJA, D. A fake news que venceu na pandemia. 2021.

BRASIL. Doença pelo Coronavírus 2019. **Boletim Epidemiológico do Centro de Operações de Emergência em Saúde Pública** 06, 2020.

CATRACA LIVRE. Termômetro infravermelho faz mal? Anvisa esclarece. **Saúde e bem estar**, [S.l.], 18 set. 2020. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/saude-bem-estar/termometro-infravermelho-faz-mal-anvisa-esclarece/>>.

CNN. Anvisa esclarece que medição de temperatura pela testa não causa danos à saúde. **Saúde**, [S.l.], 15 set. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/09/15/anvisa-esclarece-que-medicao-de-temperatura-pela-testa-nao-causa-danos-a-saude>>.

EGELHOFER, J. L.; LECHER, S. Fake news as a two-dimensional phenomenon: a framework and research agenda. **Annals of the International Communication Association**, 2019. v. 43, n. 2, p. 97–116. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/23808985.2019.1602782>>.

FARKAS, J.; SCHOU, J. Fake News as a Floating Signifier: Hegemony, Antagonism and the Politics of Falsehood. **Javnost**, 2018. v. 25, n. 3, p. 298–314.

FERREIRA NETTO, R. G.; CORRÊA, J. W. N. Epidemiologia do surto de doença por Coronavírus (Covid 19). Desafios. **Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins**, 2020. v. 7, espcia, p. 18–25.

G1. VÍDEO: PM troca agressões com segurança após se recusar a ter temperatura aferida em shopping no DF. Distrito Federal, 15 jul. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/07/15/video-pm-troca-agressoes-com-seguranca-apos-se-recusar-a-ter-temperatura-aferida-em-shopping-no-df.ghtml>>.

GELFERT, A. Fake news: A definition. **Informal Logic**, 2018. v. 38, n. 1, p. 84–117.

GZH. Medição da temperatura pelo pulso ou pela testa? Veja o que dizem especialistas. **Gauchazh**, 2020. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/10/medicao-da-temperatura-pelo-pulso-ou-pela-testa-veja-o-que-dizem-especialistas-ckfzws6790030016vpfhufxsn.html>>.

KEYES, R. **A era da pós-verdade: desonestidade e enganação na vida contemporânea**. [S.l.]: Vozes, 2018.

KRÄMER, B. Populist online practices: the function of the Internet in right-wing populism. **Information Communication and Society**, 2017. v. 20, n. 9, p. 1293–1309.

LIMA, J. P. E. A retórica da intransigência e a campanha de desinformação em fake news sobre a pandemia de Covid-19. **Revista Estudos da Linguagem**, 2021. n. 1996. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/18096/pdf>>.

MORAES, G. Hóspede agride recepcionista de hotel em MG, mas acaba levando a pior. Portal O Tempo. [S.l.], 11 ago. 2020. Disponível em:

<<https://www.otempo.com.br/cidades/hospede-agride-recepcionista-de-hotel-em-mg-mas-acaba-levando-a-pior-assista-1.2371041>>.

MORETZSOHN, S. D. Chaff, wheat, filters, and bubbles: A discussion on fake news, journalism, credibility, and affections at network times. **Brazilian Journalism Research**, 2019. v. 15, n. 3, p. 540–561.

NEXO JORNAL. Como o filme ‘Matrix’ se tornou símbolo na extrema direita. [S.l.], 20 maio. 2020. Disponível em:

<<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/05/20/Como-o-filme-‘Matrix’-se-tornou-simbolo-na-extrema-direita>>.

ONCOGUIA. É #FAKE que termômetro digital infravermelho cause câncer e cegueira. 2020. Disponível em: <<http://www.oncoguia.org.br/conteudo/e-fake-que-termometro-digital-infravermelho-cause-cancer-e-cegueira/13738/7/>>.

QUANDT, T. Dark participation. **Media and Communication**, 2018. v. 6, n. 4. News and Participation through and beyond Proprietary, p. 36–48.

SACRAMENTO, I.; PAIVA, R. Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. **MATRIZES**, 2020. v. 14, n. 1, p. 79–106.

UNESCO. Jornalismo, fake news & desinformação. **Manual para educação e treinamento em jornalismo**, 2019. Disponível em:

<<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>>.

UOL, U. O. Ainda popular, medição de temperatura é inútil e atrasada contra a Covid-19. [S.l.], 28 maio. 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/05/28/medicao-temperatura-shoppings-eficacia-inutil-comercio.htm>>.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. **Council of Europe report (DGI)**, 2017. v. Setembro 2, p. 108. Disponível em: <<https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>>.

ZAROCOSTAS, J. How to fight an infodemic. **Lancet (London, England)**, 2020. v. 395, n. 10225, p. 676. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30461-X](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30461-X)>.